



INCISIVOS

EDIÇÃO #01 MARÇO 2020

A PRIMEIRA REVISTA CRIADA EM QUARENTENA

A Mordaz é uma revista totalmente independente, a sua produção não custou um centimo



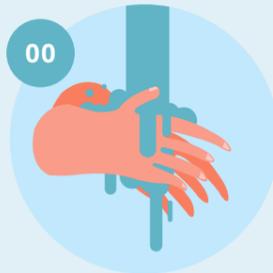
**COVID
OU GOLIAS**
O combate
de uma
geração

NOVO CORONAVÍRUS COVID-19

LAVAGEM DAS MÃOS



Duração total do procedimento: **20 segundos**



Molhe as mãos



Aplique sabão suficiente para cobrir todas as superfícies das mãos



Esfregue as palmas das mãos, uma na outra



Palma com palma com os dedos entrelaçados



Esfregue o polegar esquerdo em sentido rotativo, entrelaçado na palma direita e vice versa



Esfregue rotativamente para trás e para a frente os dedos da mão direita na palma da mão esquerda e vice versa



Esfregue o pulso esquerdo com a mão direita e vice versa



Enxague as mãos com água



Seque as mãos com um toalhete descartável



NESTA EDIÇÃO Francisco Segurado Silva, Gonçalo Pina, João Rebocho Pais, Pedro Baptista-Bastos, Ricardo Silveirinha, Afonso de Melo, Carlos Vila Maior Lopes, Lia Laporta, Luis Rasquilha / António Grandini, Martinho Pereira, MT80, Olga Delgado, Paulo Ribeiro, Ricardo Lopes, Rita Pato, Rui Costa Viegas e Marco Neves Ferreira
ARTWORK E PAGINAÇÃO Francisco Segurado Silva e Marco Neves Ferreira
ILUSTRAÇÃO PiniOne **IMAGENS** Pixabay.com

ÍNDICE

- 4/5 Toca e Foge, Pedro Baptista-Bastos
- 6/7 A Demissão de Deus, Afonso de Melo
- 8 As Palavras por Dizer, Carlos Vila Maior Lopes
- 9 Com a Língua, Rita Pato
- 10 Campos de Esperança, Martinho Pereira
- 11 Manual de Instruções Precisa-se, Gonçalo Pina
- 12 a 15 A Realidade 140, o Novo Normal, Luis Rasquilha / Antonio Grandini
- 16/17 The Day After, Ricardo Lopes
- 18/19 Corona: Cura Planetária Agridoce, Lia Laporta
- 20/21 Navios na Cidade, Olga Delgado
- 22 A Teimosia de Bach, Rui Costa Viegas
- 23 A Batata com Ventosas, Francisco Segurado Silva
- 24 a 27 O Motorista / A Rémorra, Ricardo Silveirinha
- 28 Onde é que se Metem os papéis?, Francisco Segurado Silva
- 29 O Vírus, do Borratém e para lá de Queluz, Joao Rebocho Pais
- 30 Cuidar da Guitarra em Casa, Paulo Ribeiro (das Guitarras)
- 31 Post-Covid Drama, banda MT80
- 32 Marco Neves Ferreira - Vixit

Uma boa parte de nós já viva quando se deu o fim do império colonial. Lá em casa, sem saudades do que nunca tivemos, lembro-me dos primeiros anos de criança, de mãos dadas com a esperança num novo futuro. Que daquela vez é que seria, havia liberdade, consumo - e por isso, mais prazer - estavam escancaradas as portas do progresso e do mundo. Começámos de novo a pensar assim com a adesão à União Europeia, mas isto fica para depois. Com as quedas do muro de Berlim e da Cortina de Ferro já fui eu a pensar o mesmo. Depois da primeira guerra do Golfo, do 11 e Setembro e de Barack Obama, também nos remetemos à esperança de um mundo melhor. Mas a porta passou a janela e esta a postigo, postigo que se vai fechando. Vamos ficando sem luz. Tudo o que vivemos a seguir a cada momento marcante conduziu-nos sempre a um tardio ponto de reflexão. Anos depois, fizemos o trackback ao instante em que podíamos e tínhamos a obrigação de ter feito melhor com a oportunidade concedida. Arrependemo-nos sempre mais do que não fizemos.

Chegou mais um desses momentos, talvez o maior. E estamos agora no que toda a gente sabe, sem nada sabermos, fechados em casa, com dois inimigos invisíveis. Um que está lá fora e se chama COVID-19 e outro que está cá dentro e se chama desinformação, verdades antigas, mentiras e lixo - é um nome comprido, porque se trata de um novo. Dispomos do tempo, dos meios e temos a urgente necessidade evidente de alterar, para melhor, o rumo das nossas vidas. O que falta então, ajuda? Sem pessimismo, acredito que não vamos beneficiar de qualquer ação salvadora. E que a melhor ajuda que poderemos ter já lá está, no silêncio dos nossos pensamentos e, como diz o meu pai, "na ponta dos nossos braços". Por outro lado duvido sinceramente que estar em casa, sem nada fazer, sirva para algo mais do que salvarmos o couro por agora. Vivemos numa alegoria de caverna, tudo lá fora já está diferente.

No Mordaz demos forma à ideia de uma publicação criada em quarentena, para combatermos também o laxismo. O que está escrito nesta revista são opiniões que correspondem às interpretações baseadas no que os seus autores sentem e, por isso, não há haverá mais real que a verdade de cada um. Quisemos apenas que as pessoas envolvidas no Mordaz fossem capazes de sustentar as suas opiniões, independentemente do seu quadrante político ou religioso, grau tecnológico ou financeiro. O leitor que feche o seu circuito de comunicação.

Ao Covid: para mal dos teus pecados, somos o início do teu fim.

Francisco Segurado Silva

PS: Segue abaixo formulário da ERC, por entregar. Os serviços estavam em baixo.

TOCA E FOGUE

Pedro Baptista-Bastos



Podemos afirmar que Portugal e a Europa passam pelo seu maior conflito desde 1945. O nosso inimigo não é um exército. O nosso inimigo não tem aliados.

O nosso inimigo está contra a humanidade inteira. Diante do inimigo, esta Europa não teve governantes fortes nem carismáticos, que tivessem entusiasmado os povos à luta e à vitória. Enquanto morriam pessoas, discutia-se em Bruxelas o tamanho das máscaras e o modo de agrafar fitas. Nenhum governante Europeu teve a força e carisma para enfrentar este inimigo, nenhum! - quem o enfrentou e enfrenta é o Povo. Permitam-me dizer com orgulho: os Portugueses são um Povo extraordinário! O nosso bom-senso, a nossa calma, o nosso sentido familiar e comunitário diante desta praga encham-me de confiança para o futuro. Mesmo os putos na praia e os bêbados do Cais do Sodré, mesmo os incautos passeantes da Póvoa de Varzim provocaram a reacção de maior união, mais acatamento às indicações da DGS e a ficarmos em casa.

Mais: os Portugueses entenderam a necessidade de haver um SNS robusto. Entenderam que nem tudo se reduz ao dinheiro. Entenderam que uma certa ideia "liberal" pura e simplesmente não faz parte das características culturais e emocionais dos Portugueses. Haverá desobedientes, gente incrédula, gente que se está nas tintas para tudo o que vivemos. Mesmo essas não invalidam a opinião de que somos um povo extraordinário. Findo este tempo de doença e mortes, desconheço se os Países olharão para Bruxelas como um arrimo seguro. Talvez a Itália mande bugiar esta União Germânica, talvez Bruxelas abra os cordões à bolsa e inunde os mercados com fundos e prebendas, para impedir a compra chinesa das empresas europeias por atacado. Desconheço mesmo. E nós? Que nos acontecerá em termos políticos? Os conflitos tanto derrubam como elevam políticos, tanto sublimam as forças e as fraquezas dos governantes.



Por isso, tenho quase, quase por certo que haverá um desaparecimento e um ressurgimento, causados pela reacção do Povo a estes tempos: Desaparece Marcelo Rebelo de Sousa e aparece Miguel Albuquerque.

O Povo acaba por ver quem o defendeu e quem fugiu. Curiosa foi a reaparição das respostas do poder local. Os Presidentes de Câmaras têm sido a grande surpresa, até agora, das demonstrações de rapidez na decisão e transmissão de autoridade política. E houve aqueles que demonstraram não ter qualidades de chefiar o Povo Português e estar presentes, no momento em que este conflito aconteceu. Por isso, tenho quase, quase por certo que haverá um desaparecimento e um ressurgimento, causados pela reacção do Povo a estes tempos: Desaparece Marcelo Rebelo de Sousa e aparece Miguel Albuquerque.

A DEMISSÃO DE DEUS

Afonso de Melo



Deus pode ter pretensões a ser eterno, mas envelhece como todos nós. E dorme e distrai-se cada vez mais. Tenho-o como um bocado preguiçoso. Fez o mundo em seis dias e depois descansou, o que não abona nada a favor da sua aplicação.

No fundo, foi o primeiro a inventar a semana inglesa e não havia Inglaterra. Na minha opinião, não descansou: desistiu. Deixou-nos este mundo incompleto cheio de gente imperfeita. Esteve-se nas tintas.

Neste tempo maligno, Deus dorme. De nada vale gritarmos-lhe: «Ei! Deus! Acorda! Vem cá abaixo resolver esta merda!» Ressona e a Terra treme. A única resposta que nos dá é o espirro do Papa, que como todos sabem é uma espécie de mordomo, mas vestido de branco. Alberto Caeiro teve um amigo menino que lhe contava tudo sobre esse Padre Eterno que ronqueja: «Diz-me muito mal de Deus/Diz que ele é um velho estúpido e doente/ Sempre a escarrar para o chão/E a dizer indecências...»

Pois... o Caeiro já sabia há muitos anos que tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica. E que Deus não percebe nada das coisas que criou. «Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória/Mas os seres não cantam nada/Se cantassem seriam cantores». O menino do Caeiro cansa-se de dizer mal de Deus e



Acorda! Acorda depressa e faz alguma coisa!

Exijo-te que me devolvas o direito de beijar a testa dos meus pais e andar pelas ruas de mão dada com a mulher que amo.

adormece nos seus braços e ele leva-o ao colo para casa. Eu não me canso de dizer mal de Deus porque tenho tanta gente para pegar ao colo e não posso. Olho as ruas e estão vazias. Que diabo te deu na cabeça para fazeres esta merda, seu velho estúpido e ignorante? Até que ponto os teus caminhos ínvios são assim tão perversos?

Acorda, deus! Seu deus em letras minúsculas. Se queres ganhar direito a maiúsculas, devolve-me todos os abraços que tenho aqui a estragarem-se nos braços porque não me deixas tocar em ninguém. Obrigaste-nos a fazer um intervalo na ternura? Decidiste que o amor voltará a ser à distância como antes do pecado original? Ou não passas de um velho que dorme e se esquece, no qual ninguém as igrejas, agora fechadas, podem confiar?

Acorda! Acorda depressa e faz alguma coisa! Exijo-te que me devolvas o direito de beijar a testa dos meus pais e andar pelas ruas de mão dada com a mulher que amo.

Se não consegues fazer sequer um suave milagre como esse, demite-te de ser Deus e deixa que alguém competente tomar o teu lugar. Dentro da tua eternidade não devia haver lugar para a cobardia. Acuso-te! Tu que desataste a matar-nos todos pelas costas, à traição, e consegues dormir sem consciência.

Para teu castigo, encontrarei algures o Deus que falta, humano e natural, um divino que saiba brincar. «E assim vamos os três pelo caminho que houver/Saltando e cantando e rindo/E gozando o nosso segredo comum/ Que é saber por toda a parte/Que não há mistério no mundo/E que tudo vale a pena».

Olhando as ruas vazias desisti de ti. Não vales o esforço de um parágrafo.

AS PALAVRAS POR DIZER

Não sabia o que fazer com tantas palavras. Já pouco gostava delas, e por isso decidiu subir ao cimo de um monte para as lançar ao vento. Foi o que fez, assim que arranjou coragem. Porém, antes de cumprir com a sua vontade, resolveu atirar-se juntamente com elas. Sempre achou que nas más histórias, todas as personagens deveriam morrer.

”



Carlos Vila Maior Lopes



COM A LÍNGUA.

Por uma maior aproximação social oral.

É dos livros a técnica de primeiro dominar a linguagem, ou pelo menos o discurso, para depois dominar a sociedade. Ou seja, com a língua ganham-se (r)evoluções.

Qualquer uma de nós sabe que, por mais giro que ele seja, se abre a boca e só sai disparate, fede ou sai de timbre... será sol de pouca dura. Pelo contrário, aquele tipo banal que quando fala nos captura a imaginação, pode até demorar uns meses a ser apresentado às amigas, mas já conhece o nosso edredon.

Vem isto a propósito do carácter tátil da nossa cultura, sempre aos abraços e beijinhos. Mas também aqui o coronavírus vai trazer alterações.

Roubados do toque pelo vírus, resta-nos a língua. E esta, ao contrário do que se pensa, é muito mais livre! Sim, já sabíamos que nisto as mulheres são digitais e os homens manuais. Enquanto um ligeiro toque nos derrete ou enregela, eles precisam de umas boas palmadas.

Nós, que precisamos sempre de beijar, tocar, abraçar todos os amigos e conhecidos com que nos cruzamos na rua, nós que evitamos cruzar o olhar com desconhecidos, nós que, se por acaso o olhar se cruza, logo o baixamos ou, numa petulante atitude, o desviamos, como vamos sobreviver num mundo pós-COVID? Num mundo sem beijos nem abraços?

Mais uma vez: com a língua.

É tempo de deixarmos de ser um povo bicho-do-mato armado em hospitaleiro. Isto de andar aos beijos a uns poucos e ignorar todos os restantes deve acabar. O imposto distanciamento social – dos beijos e abraços – far-nos-á recuperar a oralidade. O bom dia, o como está, e até mesmo o singelo olá. Se e quando o quisermos apimentar haverá espaço para um sorriso. Se o quisermos moderar, devolvendo-o ao silêncio, duvido que ele não se revolte e saia na mesma, ainda que mudo, como um mimo acena a cabeça.

Será vénia? Será simpatia? Indiferença não será certa-



mente e o olhar não se afasta assim.

Contra intuitivamente, seja pela imposta irmandade da quarentena, seja pela redescoberta da proximidade humana, teremos a desculpa de, fechados os corpos, termos soltado as línguas, ao telemóvel, por whatsapp ou com emojis. Voltamos a descobrir o prazer do oral. E não o vamos querer perder.

Também contra intuitivamente, essa oralidade é mais livre, não causa o embaraço de abraçar um estranho. Vai passar a ser possível dizer olá a com quem nos cruzamos. Não será um convite, uma provocação ou um piropo.

Será apenas uma celebração de liberdade, de dizer “estou aqui” e vejo que também “estás aqui”. Será voltarmos a ser parte, será voltarmos a ser todo(s).

Todos partes de um todo que se relaciona, livre, com a língua.

Vamos passar a dizer “olá”!

Rita Pato

(A autora não escreve segundo o acordo ortográfico, mas às vezes esquece-se e lá vai fato consumado.)

A REALIDADE I40 NO CONTEXTO DO NOVO CORONA VÍRUS - O NOVO NORMAL!

De repente, tudo mudou! Não esperávamos ser atingidos por algo que estava a acontecer tão longe, tão rápido! E aí, tudo aquilo que era normal...

É normal trabalharmos, é normal fazermos reunião e irmos para escola estudar, ir ao *shopping* e ao cinema, ao mercado e sairmos para comer fora, é normal... é normal, até ao momento em que deixa de ser - e criaram as tais das barreiras não farmacológicas, que restringem basicamente o convívio social, que é exatamente o que nos diferencia como seres humanos. A relação humana deixou de ser normal e passou a ser um problema!

Parece enredo de filme isso, hã!?

E então, tudo aquilo que tratávamos como conveniência, supérfluo, aquelas coisas de *nerds* e gajos que gostam de tecnologia, de *millennials* que usam a tecnologia para tudo, isso sim, passou a ser do interesse de todos. Aqueles que negavam e recusavam a tecnologia como se fosse algo de outro mundo, diferente do seu, sempre achando tudo muito confuso e confundindo a transformação digital com redes sociais e a fazer internet *banking*, isso sim, isso sim, passou a ser o novo normal.

Como vivemos neste Mundo?

Agora, dentro deste novo normal, onde estamos “convidados” a ficar dentro de casa, tudo começou a ficar mais acessível. À distancia que estamos do smartphone, tudo converge para ele, e de lá, pronto... podemos aceder ao mundo para fazer compras, de comida, a remédio, irmos a concertos e cinemas, através dos canais de *streaming* ou usando VR e falar com nossas assistentes virtuais, usando IA: “Alexa, como está a bolsa?... Bolsa não, Alexa, toca música clássica (para acalmar!), agenda um evento com o Fulano, liga para Cicrano”. Mantemo-nos conectados aos sites de notícias do mundo através da internet,

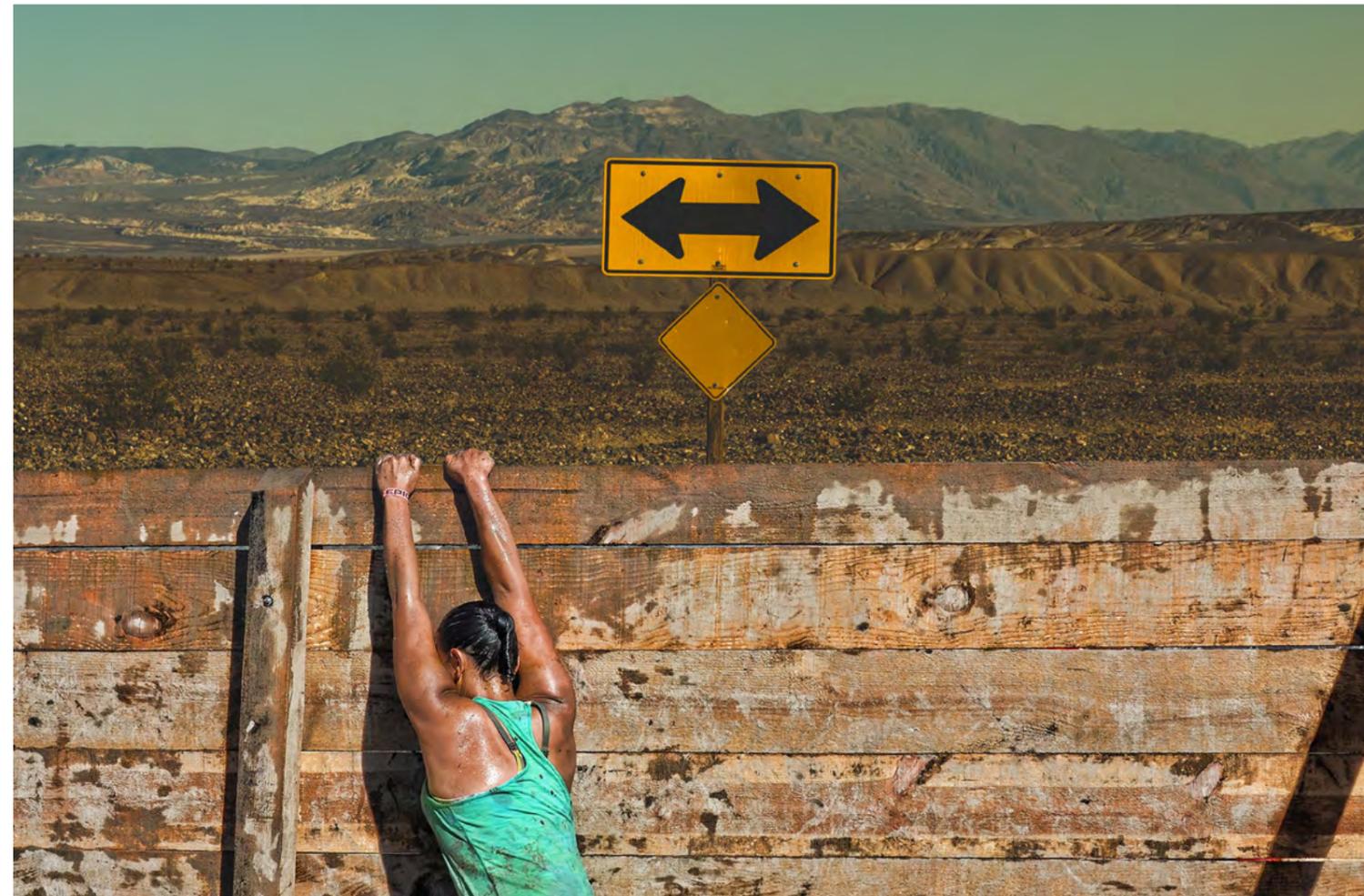
vamos ao banco pelas aplicações, movimentamos tudo usando os aplicativos de entrega. Hoje vi no Youtube um drone, levando um cachorrinho passear na rua e o dono, controlando... da varanda de casa?!?!

As pessoas continuam a conviver através da media social, redes colaborativas unem funcionários de empresas que deixaram de se reunir num único endereço e passaram a trabalhar virtualmente em vários locais, enfim...

Com mais de trinta anos de vida profissional, nunca vivemos uma experiência transformadora como esta que estamos experimentando agora, para vivermos o nosso novo normal.

Nunca tivemos a oportunidade de ver de forma tão clara o significado do termo MUVUCA (*Meaningful, Universal, Volatile, Uncertain, Complex, Ambiguous*) aplicado na prática associado ao fenómeno de propagação do COVID-19.

Jamais em tempos de paz tivemos tão claro, um propósito único para a humanidade, que é o combate ao vírus; a universalização e globalização de um problema como este nunca foi sentido de forma tão enfática como agora. Com todos os esforços no sentido de evitarmos a propagação da doença, o Mundo escancarou volatilidade e incertezas, económicas com o derreter dos mercados financeiros e a paralisação de cadeias de distribuição. Sendo pulverizados por teorias de conspiração, a complexidade e ambiguidade da natureza humana nunca ficou tão evidente em discussões sobre a seriedade ou não do problema, se sub ou superestimamos o problema. Não é “torcida” de futebol, é serio!



Na dúvida, superestime! Para cuidar de si e dos seus!

Nas palestras, debates e apresentações, temos sempre a oportunidade de dizer que todas as revoluções industriais pelas quais a humanidade passou foram respostas da própria sociedade para atender as demandas específicas que nós, seres humanos, estávamos criando, dentro dos diversos contextos pelos quais passamos.

Na era agrícola, onde a terra era o principal elemento de anseio, éramos divididos entre aristocratas e plebeus, tivemos a primeira revolução industrial com a aplicação do vapor na substituição dos animais. Na era industrial tínhamos a divisão entre o proletariado e o mundo capitalista, com a definição das classes sociais. Tivemos a segunda e terceira revoluções industriais, indo do uso da energia elétrica e das linhas de montagens, totalmente manuais no início, à sua completa automação, que evoluiu nos anos 80 e 90.

E agora, na era da informação e do conhecimento, onde o humano e o digital disputam sua posição, e a personalização em massa passou a ser o nome do jogo, a I40 trouxe a realidade da quarta revolução industrial para dar as respostas que precisamos no contexto em que o consumo é determinado pela relação que temos com a transformação digital, definindo assim, o mundo MUVUCA em que vivemos.

Com a pandemia que vivenciamos temos a certeza de que certos elementos que viabilizam a implantação da I40 passam a ter um papel importantíssimo como alavancadores para reduzir o tempo de acharmos soluções e para nos ajudar a mitigar os efeitos nefastos que esta situação está a trazer para a humanidade, conforme demonstrado no infográfico abaixo, e que passamos a explorar a seguir.

Big data e *data analytics* têm um papel fundamental

para analisar e antecipar doenças emergentes e ajudar na contenção e amplitude do seu contágio.

A consolidação do *e-commerce* e das *Fintechs*, serão importantes para ajudar que a economia continue a movimentar-se (e à circulação de mercadorias) e para que o mercado financeiro continue a funcionar, mesmo com as condições de restrição que estão a ser impostas.

A privacidade e a segurança de dados serão potencializadas nesta situação em que a confiabilidade da informação e o seu manuseio passam a ser fundamentais para se ter uma visão realista da situação que estamos a enfrentar.

Grandes aglomerações e eventos serão substituídos por versões sociais e digitais, ao invés dos formatos tradicionais a que estamos acostumados.

IA cada vez mais ativa, alimentando as análises de dados e informações para que possamos ser mais ágeis, preventivos e preditivos nos tratamentos.

Redes colaborativas e P2P (*peer to peer*), com cada vez mais suporte nas plataformas de co-criação, flexibilizando e criando escala às demandas do trabalho à distância.

Distanciamento e preservação social sendo viabilizadas cada vez mais por sistemas autónomos de atendimento e com a automação de actividades repetitivas e que não agreguem valor.

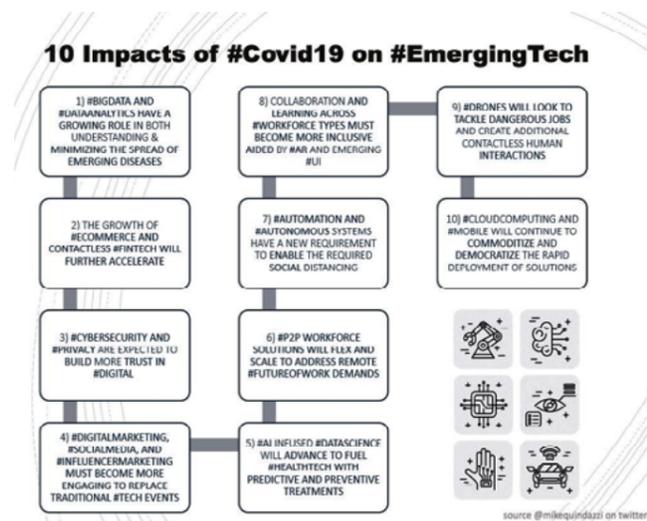
User-interface (UI) e realidade aumentada auxiliando a potencializar o processo de inclusão, colaboração e aprendizagem das organizações e estruturas de trabalho.

Cobertura através do uso de drones de regiões potencialmente de risco mas que precisam de intervenção, efetiva, rápida e directa, reduzindo o risco em áreas onde o contacto humano deva ser evitado.

A mobilidade e o cloud-computing disponibilizam e democratizam a implementação rápida e efetiva das soluções tecnológicas alcançadas.

Como dizemos, a I40 fará com que as empresas se tornem mais inteligentes e que com a análise dos seus dados possam cada vez mais se antecipar aos problemas e prever em tempo justo, quais ações preditivas ela precisa tomar no seu processo decisório como um todo e potenciar a sua capacidade de entregar resultados.

A tecnologia ajuda a gerar os dados e a transformá-los em informação - e as informações transformam-se em conhecimento que ajuda a otimizar os negócios. Mas neste caso, a tecnologia de facto ajuda a salvar vidas e atua como um recurso-chave que viabiliza o alcançar de metas até há pouco tempo inimagináveis.



Por outro lado, sabemos que toda a inovação só faz sentido se puder ser útil e fazer algo que ajude as pessoas, criadas por e para pessoas, mas muitas lições ficam deste processo: Reafirmarmos a aprendizagem e perguntamo-nos se construir um hospital em dez dias é inovação - ou se é o novo normal - não será tão estranho talvez num futuro imediato como poderá soar agora.

Juntamente com as inovações vêm as ondas tecnológicas e com elas os ciclos económicos, que serão cada vez mais curtos, rápidos e disruptivos, como a tecnologia, dando-nos a certeza de que não estamos vivenciando a crise, e sim, a crise da vez, só esperando a próxima. E de que este cenário faz parte de um contexto que passa a ser parte do "novo" normal - e isto consequentemente provoca-nos a sair da zona de conforto, alterando a forma como nos relacionamos e nos comportamos

Concluindo, de uma coisa temos certeza: não sairemos desta situação em que nos encontramos agora, iguais ao que éramos quando entrámos. E, como somos otimistas por natureza, temos certeza de que sairemos bem melhores, mais evoluídos, principalmente como seres humanos.

em função da necessidade de adaptação. Já que, como dizia Darwin "...não são os mais fortes que sobrevivem e sim os que mais rapidamente se adaptam..."

A I40 traz um comportamento desejado e esperado, que é determinado pela necessidade de entrarmos os nossos esforços e soluções na flexibilidade, agilidade, colaboração, cooperação e co-criação com as plataformas de inovação aberta casa vez mais presentes no nosso ecossistema... Quando passamos por estes aspectos, a impressão que nos dá é a de que devemos então ser algo muito parecido com o que as startups são, e aí destacamos um engano que cometemos frequentemente: não temos que nos transformar em startups. Isso não é possível na minha opinião, mas sim, devemos aprender a trabalhar como e com elas.

Só assim podemos criar soluções disruptivas e entender que construir um hospital em 10 dias não deveria ser visto como excepção, mas sim como o novo normal. O errado é demorar anos. E para isso, um ambiente regulado no sentido de que viabilizemos as condições de aprendermos, testarmos e experimentamos é essencial, pois quando enfrentarmos o que estamos enfrentando agora, por exemplo, já estaremos tomados por uma forma de pensar mais condizente com a realidade dos dias em que vivemos.

Concluindo, de uma coisa temos certeza: não sairemos desta situação em que nos encontramos agora, iguais ao que éramos quando entrámos. E, como somos otimistas por natureza, temos certeza de que sairemos bem melhores, mais evoluídos, principalmente como seres humanos.

Vamos entender que o cisne negro vem para propor mudanças e disrupção e é exatamente este o Mundo em que vivemos. Além de recuperarmos, vivermos e consolidarmos muitos valores humanos, que fomos deixando para trás ao longo dos anos, questionar se a nossa relação com o trabalho, com o capital, com nossa família, é a melhor que podemos ter - e entender que a tecnologia faz parte de nossas conquistas - ajuda-nos e é uma resposta às nossas próprias necessidades. De que estamos na frente da criação e que ela é essencial para passarmos por este 2020, que já ocupa um lugar especial na história da humanidade.

A I40 é nossa aliada, ela nos dará a condição necessária para que possamos fazer aquilo que naturalmente fomos criados para fazer: sermos humanos! Basta que acreditemos e trabalhemos muito neste sentido.

António Grandini
VP da Unidade de 4.0 da Inova Consulting

Luis Rasquilha
CEO da Inova Consulting



COVID 19 vs IMOBILIÁRIO

“Day After”

Nos últimos tempos, o mundo vive num amedrontado despertar diário, por força de um vírus viajante onde os governos se debatem por lhe imporem fronteiras, até ao momento, sem grande eficácia.



Movidos por uma cegueira coletiva, fomos todos olhando para o problema de outros como se ele nunca nos chegasse. Erro maior que o próprio vírus.

Numa tentativa de correção de percurso, fecham-se fronteiras, inibem-se deslocações, encerram-se estabelecimentos, até à declaração de Estado de Emergência, onde deverá imperar o dever cívico de cada um de nós, cumprindo as regras de isolamento social, em prol do

bem comum, não dando “rede” para a continuada expansão desta pandemia.

Com este pano de fundo, os reflexos de contaminação alastram-se às economias mundiais, onde ninguém fica imune.

Se no turismo, agências de viagens e restauração os efeitos foram imediatos, com tendência para se inten-

Com o final desconhecido deste surto epidémico, colocando uma incógnita para quando a estabilidade e normalização económica, importa centrar o discurso nas medidas que os governos, em particular o Português, devem tomar na abordagem ao presente e na preparação do “Day After”.

sificarem nos próximos tempos, no imobiliário as consequências vão-se começar a sentir agora.

Com a quebra dos regulares fluxos financeiros na economia, algumas famílias enfrentarão dificuldades para poderem cumprir as obrigações contratadas nos créditos à habitação, os inquilinos vão encontrar desafios para honrar os pagamentos das rendas contratadas, alguns senhorios ficarão confinados a esperar por melhores dias, os compradores retraem-se, seja pela questão de liquidez, seja pela impossibilidade de visitas aos imóveis, os promotores repensam a obra nova e olham para o stock equacionando formatos de escoamento para, eles também, não entrarem em incumprimento e colapsarem.

Apesar das advertências (com algum tom de exigência) por parte dos governos à banca, de que devem apoiar e saber gerir os incumprimentos (devidamente confirmados) causados pela pandemia, não nos devemos esquecer que a própria banca ainda lambe as feridas de um passado recente – a crise de 2008 – e que apesar de muito se apregoar nos reforços da sua solvabilidade e liquidez, também poderão experimentar fragilidades e debilidades no capítulo financeiro, porque nada aprenderam com esse passado.

Com o final desconhecido deste surto epidémico, colocando uma incógnita para quando a estabilidade e normalização económica, importa centrar o discurso nas medidas que os governos, em particular o Português, devem tomar na abordagem ao presente e na preparação do “Day After”.

Como sempre, preparar medidas por antecipação posicionará o país na primeira linha de arranque.

Isto é tão mais importante quanto o são os meses de economia parada, que teremos de recuperar.

Algumas sugestões de medidas que ajudarão a atenuar os efeitos imediatos e a preparar/impulsionar o “Day After” do mercado imobiliário:

- Regime excecional de isenção de pagamentos de IMI e AIMI (referentes a 2019);
- Bonificação em sede de IMT, para todas as aquisições que se venham a celebrar até final de Setembro;
- Deferimento da caducidade do prazo do benefício de isenção de IMT (3 anos) até final do ano de 2020;
- Deferimento do pagamento de IRC (do exercício de 2019);
- Deferimento dos prazos de caducidade dos licenciamentos Camarários;
- Reavaliação da fiscalidade para o Alojamento Local, retirando a penalização fiscal, recentemente imposta;
- Reposição do quadro legislativo dos Golden Visa.

Continuaremos a prestar o nosso contributo para a preparação do que designamos pelo “Day After”.

Até já!



Ricardo Lopes, Gestor
CEO – Empireuzzle, SA

CORONA: CURA PLANETÁRIA AGRIDOCE SERVIDA COM HUMANOS CHAU-CHAU.

A quarentena voluntária de onde vos escrevo é feita na segurança de um lar saudável e conectado, sob a ilustre companhia de um gato persa pachorrento equivocadamente batizado de Che Guevara, e de um lindo bebé de 5 meses com humor inabalável - salvaguardada seja a tríade leitinho, colinho, rabinho limpo.

Escrevo, por isso, consciente da posição privilegiada que me permite transformar isolamento em observação e adversidade em reflexão.

O novo Coronavírus, e a consequente COVID-19, já fez milhares de vítimas mortais por todo o mundo. Até o momento, seis em Portugal. Apesar de não ser extremamente letal [1], a sua elevada contagiosidade desencadeou a quarentena obrigatória e o isolamento voluntário em inúmeras cidades. Fechou escolas, universidades, restauração, comércio, espaços de lazer e cultura. Adiou ou cancelou conferências, festivais, feiras, eventos desportivos, viagens e, para meu pesar, a venda de garagem da minha mãe. Reduziu ao mínimo os serviços necessários para a manutenção da vida quotidiana e a gestão do estado de emergência. Está a sobrecarregar a capacidade técnica dos nossos sistemas de segurança e saúde pública, muito às custas da sanidade física e mental dos seus profissionais, e veio abalar não só as estruturas políticas que nos governam

como o sistema económico vigente. Mais ainda, para os que compreendem a sutileza elitista dos movimentos #ficaemcasa, levantou questões pertinentes como: e quem não tem casa? Quem não tem condições para cumprir a rotina de higiene recomendada? Quem tem casa mas não é um porto seguro? Quem ia à escola também para comer a única refeição do dia? Quem diariamente luta contra o isolamento social como forma de mediar distúrbios psiquiátricos? A isto tudo soma-se a preocupação com uma inevitável recessão económica que se avizinha e como raio vamos conseguir sair dela. Dias tranquilos, diga-se.

Não tecer lições preciosas desta pandemia viral que nos assola seria, por isso, um insulto à nossa racionalidade e às inúmeras vidas afetadas. É que, ainda que avassalador, não se trata de um evento totalmente imprevisível. Pelo menos para mim, enquanto cientista na área do ambiente. Há décadas que os especialistas vêm alertando para as consequências que as alterações climáticas e a perda de habitats e de biodiversi-



dade, que resultam diretamente de ações humanas, podem ter na nossa própria saúde [2]. Ao esgotarmos recursos e avançarmos em territórios selvagens, para dar resposta a um crescimento económico insaciável, interferimos no delicado equilíbrio dos ecossistemas e ficamos cada vez mais expostos. Há estudos que sugerem uma correlação entre a caça, a desflorestação, a mineração e os primeiros surtos de Ebola[3]. Num estudo de 2014[4], verificou-se que os surtos infecciosos potencialmente mais problemáticos para os humanos têm cada vez mais origem animal, principalmente nos domesticados para fins alimentares. No meio do presente caos, já se descobriu que esta nova variante do coronavírus não foi fabricada e teve origem em eventos de seleção natural, ou seja em condições particulares entre vírus-hospedeiro-humano[5].

E ainda que as histórias que por aí circulam, com golfinhos a invadir os canais de Veneza ou elefantes entre vinhas na província de Wuhan, sejam produto da fértil imaginação daqueles que anseiam por uma recuperação espontânea da natureza[6], não é de todo descabido acreditar que a desaceleração e o decrescimento que vigoram nestes dias sejam uma lufada de ar fresco para um planeta que lentamente sufoca com o vírus da existência humana. O que nos espera do outro lado deste túnel, assim desejo, é a inadiabilidade de uma mudança de paradigma, pautada pela séria consideração da economia circular[7], do decrescimento económico[8], da redefinição do trabalho e do rendimento

básico incondicional[9], do consumo consciente[10], da indústria alimentar[11] e da redescoberta da nossa humanidade. É que este novo coronavírus é mais um prato agridoce que a natureza nos apresenta como cura planetária. Está na hora de mudarmos o menu, ou será humanos chau-chau.



Lia Laporta

Investigadora e doutoranda em Engenharia do Ambiente, no Instituto Superior Técnico.

FONTES

- [1] <https://www.statnews.com/2020/03/16/lower-coronavirus-death-rate-estimates/>
- [2] <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0091743514004563>
- [3] Quammen, D. (2012). Spillover: Animal Infections and the Next Human Pandemic. W. W. Norton
- [4] <https://royalsocietypublishing.org/doi/pdf/10.1098/rsif.2014.0950>
- [5] <https://www.nature.com/articles/s41591-020-0820-9>
- [6] https://www.nationalgeographic.com/animals/2020/03/coronavirus-pandemic-fake-animal-viral-social-media-posts/?cmpid=org=ngp::m-c=social::src=facebook::cmp=editorial::add=fb20200320animals-coronavirusfakeanimalnews::rid=&sf231736060=1&fbclid=IwAR1F2X5IEzMcRbMLW3Pot66YE_TXjN4-AcPpaV_GXB8GI8u7daKOP2Eihc4
- [7] <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/circular-economy/what-is-the-circular-economy>
- [8] D'Alisa, G., Demaria, F., & Kallis, G. (2014). Degrowth: A Vocabulary for a New Era. Taylor & Francis
- [9] Bregman, R. (2017). Utopia for Realists: And How We Can Get There. Bloomsbury Publishing.
- [10] Malyan, R. S., & Duhan, P. (2018). Green Consumerism: Perspectives, Sustainability, and Behavior. Apple Academic Press
- [11] <https://www.nature.com/articles/s41893-019-0293-3>



NAVIOS NA CIDADE

Olga Delgado Ortega Doutora em Ciências Sociais; Professora e Coach assistida por cavalos



O que têm em comum um navio, uma prisão, um convento, um campo de concentração e uma caserna? Os cinco são o que sociologicamente se conhece por *instituição total*.

Segundo o Sociólogo Erving Goffman, trata-se dum lugar onde os indivíduos estão fechados 24 horas por dia, 7 dias por semana, com o mesmo conjunto de pessoas, por período de tempo considerável. São sociedades monorole, ou seja, sociedades onde um indivíduo tem o mesmo papel em relação aos outros durante todo o tempo. Fora das instituições totais repartimos o nosso tempo entre diferentes roles, segundo a atividade e as pessoas com quem estivermos: por exemplo, segundo o momento do dia eu posso ser mãe, escritora, amiga, professora, cliente, desportista, prima, etc... Num navio, o cozinheiro é sempre o cozinheiro, numa prisão um preso é sempre um preso. Para a saúde psicológica de uma pessoa é bom desempenhar diferentes roles no nosso quotidiano, para que todas as facetas da nossa personalidade possam ser reveladas normalmente. Os navios têm uma peculiaridade acrescentada: o número reduzido de pessoas. Com a crescente automação do mundo marítimo, as tripulações são cada vez mais reduzidas; hoje é possível encontrar apenas 12 tripulantes a trabalhar num navio de carga de 200 metros de comprimento.

O cativo e o isolamento das instituições totais podem conduzir às seguintes consequências psicológicas: transtornos no comportamento social, transtornos cognitivos, transtornos de personalidade, transtornos de comunicação, riscos psicopatológicos, ansiedade, stress, depressão, crise emocional, transtornos afetivos, externalização do locus de controle, introversão, perda da objetividade ou até tankeritis, uma doença psicológica

exclusiva dos navios, na qual os afetados sofrem de alucinações e perdem a noção da realidade.

Agora que o país está em estado de emergência devido à pandemia da Covid-19, os cidadãos estão a experimentar nas suas casas o que é viver numa instituição total, e na maioria dos casos, com menos indivíduos que num navio. A vida dentro destes microcosmos sociais vai ter sem dúvida repercussões na saúde mental das pessoas, especialmente daquelas que estejam totalmente sozinhas. De todas as necessidades do ser humano, há duas essenciais para o equilíbrio emocional, que são o contacto com outras pessoas e passar tempo ao ar livre no meio da natureza. Durante milénios fomos nómadas gregários, e ainda que a tecnologia nos permita outras vias de comunicação a distância, nenhuma substitui um bom abraço.

O recolhimento domiciliário obrigatório para controlar a pandemia provocada pelo coronavírus é um campo de cultivo para os transtornos psicológicos, e não só os que afetam os indivíduos que se encontram em instituições totais, como também algumas fobias específicas relacionadas com a situação atual. Como a agorafobia, que é o medo de estar em sítios públicos com muita gente; a afefobia, que é o medo do contacto físico e a bacteriofobia, que é o medo dos vírus e as bactérias. Penso que as psicopatologias que se desenvolveram (ou piorão com mais probabilidade são a hipocondria, o transtorno de ansiedade generalizada (TAG), o transtorno obsessivo compulsivo (TOC), e os ataques de pânico.



Este artigo não pretende assustar ninguém, nem ser apocalíptico, mas é importante que se tome consciência para prevenirmos ou tratarmos destas possíveis situações atempadamente. Por sorte, nos nossos pequenos navios de concreto temos muitas ferramentas para nos entretermos: Wi-fi, 4G, Netflix, UberEats e desde hoje... a Mordaz, a primeira revista digital nascida nos tempos do Coronavirus.

CHEGOU AO FIM... A TEIMOSIA DE BACH

Rui Costa Viegas



**“Todos devemos ter mais consideração com o outro”,
Elizabeth Burg, Miss Croácia - 2012.**

A ser verdade, a frase da menina Burg foi dita no ano daqueles que foram os últimos grandes Jogos Olímpicos do medo, os de Londres. Na altura, o terrorismo era uma “sombra” diária e o mundo atravessava uma crise económica que fazia mergulhar o próprio Reino Unido na segunda recessão em três anos. Mesmo assim, o primeiro ministro David Cameron prometeu converter a realização britânica em “ouro puro”. Verde. Para isso, a XXX Olimpíada estava assente na ideia de ecologia, com o aproveitamento de recursos e espaços. E, como observei “in-loco”, consegui fazer brilhar a cidade. Se bem que com uma luz de “quilate” inferior ao que tínhamos visto quatro anos antes na pujante Pequim.

Agora, oito anos volvidos e chegados a “Tóquio 2020”, o medo voltou a instalar-se em vésperas da maior competição desportiva do planeta. Através de um factor totalmente inesperado e impensável nos tempos modernos: uma doença, que ameaçava transformar a competição e o lema olímpico em algo como “menos rápido, menos alto, menos forte”.

E só o senhor [Thomas] Bach é que parecia não o compreender.

O compatriota do compositor e ex-campeão alemão de esgrima, é o actual presidente do Comité Olímpico Internacional (COI) que teimava em manter uma prova “ferida de morte”, caso se disputasse no próximo

Verão. Há atletas que ainda não conseguiram o apuramento - cerca de 43 % dos elegíveis -, mas que também não tinham provas para o tentarem, por estas se encontrarem suspensas ou adiadas. Quem já havia “carimbado o passaporte” para a capital japonesa está, na sua maioria, retido em casa e, assim, também impedido de treinar.



Mais. A “onda” da Covid-19 atravessa a Europa, vinda da Ásia, e irá a seguir “rebenotar em força” na América. O que, segundo alguns cálculos, deverá acontecer a poucos dias daquela que seria a data da cerimónia de abertura no novo Estádio Nacional do Japão. Limitando e enfraquecendo, deste modo, a disponibilidade física (e mental) dos competidores oriundos daquele continente e deixando-os em desigualdade para com os demais.

Por isto, o que já não é pouco, vários países ameaçaram ficar em casa, em caso de manutenção do calendário previsto. E até Portugal já o havia entendido e se “desalinhou”, quando o responsável do nosso comité pediu rapidez no anúncio de adiamento dos Jogos Olímpicos. Por carta. Dirigida directamente ao antigo “espadachim”.

Restava ao senhor Bach por fim a esta “sinfonia triste”. Fazendo como as misses e desejando “paz e prosperidade aos povos” (presentes em Tóquio), mas (agora e finalmente) só em... 2021.

A BATATA COM VENTOSAS

Ao olhar para o Covid-19 vejo o filho esquecido de um polvo e de uma batata assada, filho concebido num lugar distante.

Uma batata com ventosas que se agarra à vida humana, matando-a. Um “negócio” da China que ataca as bases da latinidade, o contacto quase intrusivo e a conversa sempre efusiva - cuja prevenção exige que passemos a espirrar nos cotovelos por onde costumamos falar. Um vírus que é polvo por parte do pai, tentacular, quase inteligente - e difícil de lidar, como uma batata quente, por parte da mãe.

Será o beijo, num futuro imediato, um tabu como nos filmes de liceu americanos? O abraço, uma forma de assédio? O aperto de mão, algo que nasce da confiança do “nada na manga”, dispensável de terça a sexta-feira?

Depois de assistir nos últimos dez anos à total hierarquização, no mundo dos negócios, dos meios de comunicação pessoais (presença - nem pensar, telefonemas - a evitar, correio eletrónico - uma formalidade desnecessária, SMS - chatos e mensagens de Facebook Messenger e WhatsApp - a base preferencial), confesso não estar preparado para

o afastamento do contacto nas interações de primeiro nível. Quando falamos nas velocidades do 5G e do 6G, à porta, nunca pensei que viéssemos parar aqui no espaço de um mês. Há um mês havia cursos e foliões numa cidade agora sitiada. Game Ovar.

Espero que em breve se faça um empadão. Por agora está feita uma camada tão grossa desta batata que nem sabemos o que lá vai por baixo.

Um abraço escrito.

Francisco Segurado Silva



O MOTORISTA

19:43, semáforo vermelho na Praça de Espanha. Vemos de cima, com câmara panorâmica. À esquerda da imagem, filas de carros amontoam-se uns nos outros, junto às árvores. Esperando. À direita, saem avançando devagar, depois acelerando em direção a um dia igual.

Contornam as curvas de passeios, levam luzes, cai a noite. Para onde irá esta gente? Dentro de 4 ou 5 horas, a Praça estará entregue a viajantes solitários, esporádicos, corajosos nocturnos.

Agora não. Tudo cheio e cansado, tudo em medo de sabe-se lá bem o quê. Cada um dos humanos sentados na sua casa de rodas leva o coração e a vida, a tristeza e a esperança, fazendo pontos de embraiagem, depois seguindo em segunda, terceira, segunda outra vez, terceira, quarta. E a quinta, a necessária e urgente quinta, que os leve ao sonho, onde está? Olhos desfocados no horizonte de um céu que ainda tem rosa e lua a rebentar, luzes difusas de casas que abriram cozinhas para o mundo, Jesualdo Vidas espera pelo verde enquanto lhe parece que ouve o hino da Taça dos Clubes Campeões Europeus - chama-lhe sempre assim, detesta o novo acordo ortográfico e as estrangeirices. Sobe-lhe, acha ele, a música dos pedais às pernas, dos joelhos ao estômago, do peito aos olhos. Na cabeça de Jesualdo, na mente de Jesualdo, no sonho, no delírio de Jesualdo, o falso narrador anuncia: «As equipas já estão alinhadas no relvado, o árbitro suíço está vestido de amarelo, o Estádio está composto. Diria um pouco mais de meia-casa. Jorge Fonseca, o que achas?» e o tal Jorge Fonseca, que só existe dentro das alucinações do motorista Jesualdo, dirá, com os pés no terreno, que talvez esteja menos de pouco mais de meia-casa e que houve uma homenagem a um antigo jogador do Benfica, devidamente premiado com uma medalha por parte do Presidente que «desceu até ao relvado».

Nada disto Jesualdo Vidas ouviu, uma vez que nem isto aconteceu nem ele, se realmente tivesse acontecido, ou poderia ter ouvido, visto que, dentro deste carro, Jesualdo segue perdido a focar uma marquise onde lhe parecia que estavam os seus pais e avós, a casa antiga que o tinha criado, a lareira grande com bancos dentro, sacas de batatas e pimentos vermelhos metidos em caixas de cartão com imagens de morangos do lado de fora.

Vivia-se bem naquele tempo, reflete profundamente o motorista. Éramos felizes e não sabíamos, sem vírus ou só vírus uns dos outros. Os abraços eram cadeias de constante contágio de calor. Agora, e ri-se tristemente enquanto constrói este pensamento, os afectos são coroas de açúcar a martelar-nos os brônquios. Porra! Éramos felizes e não sabíamos!, repete, enquanto passa mais um líquido desinfectante nas mãos. Poucos luxos, é certo, mas talvez houvesse uma dignidade entretanto desaparecida na confusão da cidade de luzes e marquises, semáforos, o som do motor, o táxi a debitar chamamentos com vozes de uma mulher a perguntar latitudes. Qual a latitude das saudades?

O verde abriu, Jesualdo carregou no acelerador, levantou a embraiagem, pôs a mão na primeira e pensou que o Benfica tinha de ganhar aquele jogo que nunca mais vai acontecer. Ia a fazer o 11 na cabeça, perdendo-se sempre no lateral-esquerdo e nos médios, sem saber se era o brasileiro que tinha chegado se o alemão que era muito bom, quando viu uma mão acenar-lhe. É um jogo curioso, o de Jesualdo, esse de tentar concluir pelo menos três factos sobre a pessoa antes de ela entrar no carro. Há



A RÉMORA

Alzira segundo esquerdo

A fila para o supermercado já vai longa. Sai de uma rua estreita, passa pelo café da esquina, contorna o Largo Camões, desce pelo Chiado e só acaba no meio do rio, onde o último dos clientes está num barco a meio caminho entre a cidade e a outra margem.

Todos esperam com a devida distância de segurança: embarcações e pessoas mantêm os dois metros recomendados pelos especialistas em coroas duvidosas. Aguardam a sua vez de remar o Tejo ou subir a pé as ruas para poderem finalmente comprar latas de atum e papel higiénico. Álcool já não há. Só aquele que nos dá a volta à mioleira mas esse Alzira Segundo Esquerdo não pretende adquirir. Basta-lhe uma gotinha do malvado líquido para começar a trepar as paredes e a gritar pelo falecido. É que, parecendo que não,

já lá vão 23 anos que.

Nesta língua sinuosa que percorre Lisboa, todos estão mascarados. Um inesperado Carnaval de Março que não parece animar por aí além os foliões. Pelo contrário: dir-se-ia até que neste cortejo há parca alegria. Quase nenhum riso, poucas cores. Muito medo. Só Alzira desfaz esta visão doentia. Nem máscaras nem luvas. Cuidados zero. Toda engalanada para a ocasião, Alzira é uma das da fila que ainda estão dentro de água. Barquinho pequeno, de pouca cavalagem, comprado em 1981 aquando das grandes cheias que inundaram Alfama. Não mais precisara ela desta pobre embarcação que o marido havia adquirido numa feira marítima ali juntinho à Torre de Belém. Pintado com uma linha horizontal a vermelho, já só resistem algumas letras pintadas a preto: "Zira". O al foi desaparecendo para sul numa tarde de nevoeiro e nunca mais ninguém o viu.

- Você pode fazer-me o favor de recuar esse barco? Alzira fulmina o homem que disse isto, fazendo questão de



Ricardo
Silveirinha

ONDE É QUE SE METEM OS PAPÉIS?

No braço do sofá, junto aos comandos. Para ler.
No despeja-bolsos com as chaves, carteira e cartões. Para conferir.
No velho dossier Roma, em Abril. Para receber.
No monte das cartas. Para pagar.
No saco da Seaside que não foi para o lixo. Para limpar os vidros.
No lado esquerdo do microondas. Para enxugar.
Na mesa da cozinha. Para a boca.
No rolo escondido de amarelinhas com algarismos verdes. Para a extravagância ou o desespero.
No armário, prateleira de cima. Para desmaquilhar.
No armário, em baixo. Para limpar, se houver mais no supermercado.
Na sanita. Para desocupar.
Na bolsa de fora da mochila. Para assoar.
Nos velhos álbuns. Para recordar os tempos da sépia.
Nas arcas do escritório. Para não estorvar.
Na porta do frigorífico. Para não esquecer.
No telemóvel, em Post-it. Para lembrete imediato.
Na porta do prédio. Para quem não tem contador nas escadas.
Na caixa do 3º esquerdo. Para depois ir lá buscar.
No contentor azul. Para reciclar.
No pára-brisas, debaixo da escova. Para me lixar a cabeça.
Na caixa da electricidade da rua. Para as explicações e males de alma.
Na mesa do patrão. Para justificar.
No departamento de pessoal. Para mandar tudo à merda.
Na urna. Para mudar.

Francisco Segurado Silva

O VÍRUS, DO BORRATÉM E PARA LÁ DE QUELUZ.

Mordaz

Era uma vez o mundo, cheio de países e de pessoas. Naqueles tempos, chegava a levar-se dois dias do Poço do Borratém a Massamá, e isto acaso se soubesse o caminho a direito, pois nem Waze havia, tampouco burros para levar toda a gente.

Tudo isto era, como já perceberam, antes do Covid e antes também de haver aviões...

Pois é, aviões, esse escritório que em sorte me haveria de calhar em escolha de trint'anos atrás.

E hoje, chegado e instalado o Corona, um e outro, pequenote vírus e animal voador, se não andam de mãos dadas, que ele há namoro por ali, aí isso ele há.

E tanto mas tanto falatório que tudo isto vai trazendo, senhores que se chega a estrebuchar de espanto e de virar o pescoço, em busca da vítima e do culpado, que nisto destas coisas nem fomos nós, nem andamos perto de ter ideia de quem pudesse ter sido, a não ser que, deixa-me cá pensar, é isso mesmo, a não ser que se calhar até sabemos sim senhor... e nisto de chineses a uruguaiois, passando pela malta da vizinha Espanha e não desdenhando nem os dos Olivais nem outros de Campo d' Ourique, acreditem-me que se é para apanhar o bicho e nem terem de se baixar, então façam as contas, multipliquem por duzentos e tal e têm um avião cheiinho deles e delas.

De vítimas, culpados e nem uma coisa nem outra.

E eu que, relembro, terminada a tropa haveria de escolher isto como profissão.

Mas é a vidinha, isto é o que é, o que tem de ser, uns p'ós outros, sempre ouvimos dizer e agora a porca torceu o rabo e vai mesmo ter de ser, passamos do falatório aos actos,



mas vamos lá ver, isto é ir buscar para casa as pessoas, mas depois não é p'rá praia nem pró Colombo ou similares na manhã seguinte, que senão a coisa nem coisa chega a ser... Assim sendo, e não sendo pois cá por coisas, chego a pensar que isto de andar a voar dum lado pó outro com mais medo da tosse que da turbulência, franzindo mais o cenho a uma febrezita de trinta e oito do que a um cúmulo-nimbo, chego a pensar dizia, que não me admiraria que o tal de vírus fosse coisa de Belzebu, com medo que de avião se chegue mais depressa ao Inferno do que indo na cantiga dele.

Pelo sim pelo não, à próxima vou voar com um alho ao pescoço.

João Rebocho Pais



CUIDAR DA GUITARRA EM CASA.

Já que estamos em casa e com tempo, que tal fazermos uma manutenção às nossas guitarras e baixos? Vamos por partes:

01 Limpeza das partes envernizadas (material necessário)

1 pano seco de algodão (pode ser uma t-shirt velha ou uma meia por exemplo);
1 trincha ou pincel de tamanho médio;
Produto de limpeza para guitarra (Music Nomad, Dunlop, etc.).
Se não tiveres destes produtos, podes usar o Pronto multi-superfícies.
Atenção que existem instrumentos com acabamento em nitrocelulose (Gibson, algumas Fender), nesse caso limpar só com pano seco e trincha.

02 Colocar a guitarra numa superfície estável

- Retirar/aliviar as cordas. (Atenção que existem partes que podem soltar-se ao retirar as cordas, caso das guitarras de Jazz (archtop) em que muitas o cavalete é mantido no lugar pela pressão das mesmas, tal como as pestanas (nuts) nas clássicas e nas folk. Podes usar um pouco de fita de pintura, fita isoladora ou mesmo fita cola para prender essas peças. Para as que são com Floyd Rose, usar uma rolinha de cortiça, ou algo do género para manter o tremolo nivelado.
- Usar a trincha para limpar as áreas onde o pano não chega;
O produto de limpeza deve ser só posto no pano;
No caso de guitarras eléctricas ou acústicas electrificadas, podes rodar os botões, premir os selectores/interruptores várias vezes. (Também é válido para os amplificadores, pedais, etc.)



03 Limpeza de partes metálicas

(Carrilhões, pontes, capas dos pickups, etc.), usar um pano seco e trincha.

04 Limpeza da escala e dos frets (material necessário)

- 1 Pano de algodão;
- 1 Esfregão verde (igual ao de lavar a loiça);
- Óleo para escala (Nomad, Dunlop, etc.). Na falta deste podes usar óleo de cedro;
- 1 Rolo de fita de pintura. (Fita isoladora também serve);
- 1 Folha de papel de cozinha (rolo de cozinha).

Colocar fita paralelamente aos frets de um lado e do outro para proteger a escala.
Usar o esfregão verde para polir os frets.
Retirar a fita e passar o pano com um pouco de óleo por toda a escala. Atenção que usar óleo só é válido para escalas sem verniz. Para as escalas com verniz devemos usar o mesmo produto que limpa as outras partes da guitarra.
Retirar o excesso de óleo com uma folha de papel de cozinha ou papel higiénico.
Colocar as cordas, afinar... e está pronta.

Depois de cada utilização é conveniente limpar as cordas para terem uma maior duração.
Guardar a guitarra em local protegido da humidade, pó e de variações de temperatura.
Mas já agora que têm tempo, dêem-lhe uso. Se não for agora, será quando?

Paulo Ribeiro
Luthier na Teamúsica



POST COVID DRAMA

Os MT80, sendo uma banda de tributo aos anos 80 que faz concertos em todo o país e estrangeiro, são compostos por 4 músicos e uma equipa técnica, cujo ponto comum é serem apaixonados pela música e pelo seu trabalho.

Neste momento, tal como todos, os MT80 estão privados de fazer o que mais gostam - estar no Palco. Assim sendo, vamos trabalhando na música de outras formas, e simultaneamente a planear e a preparar o futuro, "O Post Covid Drama"!

O Covid-19 tem sido o "assunto quente" dos últimos tempos, dias, semanas. Uma conjectura que está a abalar e a mexer não só os Portugueses, mas também todos os habitantes do planeta a muitos níveis, de uma ponta à outra da sociedade.

No nosso caso, enquanto músicos e cidadãos do mundo, fomos afectados sobretudo pela impossibilidade de realizar concertos, o que nós mais gostamos de fazer, sendo o resultado visível de todo o trabalho que desenvolvemos. Mas o que nos preocupa verdadeiramente é a transformação socioeconómica que a humanidade vai sofrer. Vão, sem dúvida, ficar muitas mazelas. No

entanto, teremos de tirar daqui o que de bom vai ficar. A aprendizagem que iremos retirar daqui vai seguramente deixar-nos mais bem preparados para lidar com situações semelhantes no futuro. O momento que hoje vivemos será, sem dúvida, uma passagem que ficará para sempre referida nos livros de história!

A nossa situação, enquanto MT80, permite-nos fazer quarentena com alguma tranquilidade económica, partindo do princípio que será um período relativamente curto e atendendo ao facto de termos sempre a agenda praticamente preenchida durante todo o ano. Não tendo total convicção de quanto tempo irá durar este pesadelo, estamos confiantes que se resolverá num período relativamente curto. Dois, três meses. Portanto, mantenhamo-nos em casa protegidos, para que, quando vier a bonança, nos encontremos todos a curtir. Onde quer que seja!

Até já!

MT80 – We Rock the 80's



VIXIT

SIGNIFICADO: VISTO POR AÍ NAS REDES (PODIA SER). TAMBÉM PALAVRA LATINA QUE SIGNIFICA "VIVEU"

Agora que já não se fala de uma possível nova guerra mundial que era quase inevitável no início do ano, agora que o clima ficou muito melhor, com menos poluição, agora que não se paga estacionamento em Lisboa, não há trânsito, o preço da gasolina baixou para valores que há muito não se via, o *Big Brother* não estreou, o nosso Presidente Marcelo não anda por aí aos beijos a toda a gente e o Sporting não perde há 3 semanas, mesmo assim ainda se queixam-se... Incrível! Mas enquanto o apocalipse zombie não acontece vamos vendo o que há por aí durante a nossa quarentena. Não se esqueçam... Vamos todos ficar bem (desde que não acabe o papel higiénico)

@markuneves

